

## XIV Domingo Comum/ B 2009

---

### Monições para a Celebração

**Entrada:** «*Quando sou fraco, então é que sou forte*». A contradição é só na lógica da linguagem, porque é a mais certa verdade da nossa experiência. A Liturgia de hoje mergulha no realismo do fracasso, para nos animar na missão difícil de ser profeta.

### Kyrie - Acto Penitencial:

Porque sois a nossa força na nossa fraqueza,  
*Senhor, tende piedade de nós;*

Porque estais connosco quando experimentamos o desânimo, o insucesso e o pecado,  
*Cristo, tende piedade de nós!*

Porque não levais em conta a nossa falta de fé, antes nos fortaleceis com a vossa Palavra,  
*Senhor, tende piedade de nós!*

**Prefácio** Dominical I (relação com o ser profeta) ou III (relação com a fragilidade)

### Oração Eucarística II

**Pai-Nosso:** Na experiência da nossa fraqueza, Deus nos acolhe com a sua força e o seu perdão. Nesta confiança, ousamos dizer...

**Despedida:** «*Quando sou fraco, então é que sou forte*». Que a graça não vos falte. Ide em paz...

1. Vou hoje pregar contra a corrente. Mesmo correndo o risco de ficar sozinho, a pregar, só para mim... Dizem os especialistas, de marketing que o homem de sucesso cultiva a boa imagem, mostra-se forte e seguro, aparenta boa figura, deve ser determinado para vencer, ter jeito para convencer, obra à vista, quanto mais melhor. Seria este, talvez, o perfil exacto do homem do sucesso, do líder vitorioso, do herói, da nossa sociedade pós-moderna. Mesmo que um simples colapso do coração, humilhe qualquer estrela do firmamento terrestre!

2. Mas a Liturgia da Palavra, vai em contra-ciclo, e leva-me a cometer a loucura, de fazer hoje *“o elogio da fraqueza”*! Uma galeria de figuras bíblicas testemunha a experiência da fraqueza e do fracasso, como um sinal de força e de grandeza.

Começemos por **Ezequiel**: É um profeta, derrotado à partida, uma espécie de *“pobre tolo” da cidade*. Por ele, ficaria em casa. Mas o Espírito fê-lo levantar no seu desânimo e acompanhar o povo no seu exílio. É enviado como profeta, para o meio de um *povo rebelde, de cabeça dura e coração obstinado*. É chamado a levar o amor de Deus, onde há muito pouco! E a pregar, com pouquíssimas hipóteses de ser ouvido. Mas vai, com uma palavra simples e desarmada, perturbadora e desprezível. O importante não é ter ouvintes! O mais importante é ser fiel à Palavra. A sua presença, de si, foi incómodo pertinente, palavra silenciosa, que fez Deus falar onde outros o quiseram calar!

**Paulo**: O apóstolo aparece-nos como uma espécie de anti-herói. Não é um derrotado por fora, mas um vencido por dentro. Há nele um *«espinho na carne»*, uma dificuldade invencível, um defeito incorrigível, um problema de saúde, uma questão de temperamento. Não sabemos bem, de que doença, defeito ou sofrimento se trataria. Mas era um espinho na carne, com a dimensão suficiente, para lhe tirar qualquer espécie de vanglória e o tornar mais humilde! *Fraquinho, pobre e pecador, rasteirinho*, Paulo parte ancorado na graça de Deus. Ele saberá que tudo o que de bom lhe vier a sair das mãos, será sempre obra da graça de Deus e não efeito especial da sua grandeza. *«Quando sou fraco, então é que sou forte»*! Como quem diz: *“Quando sou fraco, deixo cair as minhas armas, confio-me a Deus e é Deus que entra em acção, por mim”*. É assim desta debilidade, que Deus precisa, para vencer e manifestar o poder, inerme e enorme, do seu amor!

Por fim, **Jesus**! Lá vai Ele à sua terra e as coisas correram bem mal. Era conhecido, *filho do carpinteiro, primo do amigo, parente do primo...* enfim, afinal um homem como os outros, sem estudos, sem ascendência sacerdotal, vindo de uma família normalíssima... comentavam por ali! Como poderia esse Jesus fazer algo de

extraordinário? Pensaram os conterrâneos, na sua provinciana e mesquinha visão. Jesus vê-se impotente! E não pôde fazer ali qualquer milagre. De facto, Deus não pode fazer nada, quando nós julgamos poder fazer tudo. Como disse Santo Agostinho “*esse Deus que te criou, sem ti, não te salvará sem ti*”. Por isso, a falta de fé daquela gente, a sua falta de adesão e de correspondência à Palavra, fechava todas as portas ao milagre. Mas Jesus, não se deixa vencer pelo fracasso. Perdendo em casa, sai pelos arredores, ensinando, sem desanimar nem desistir!

Aqui temos, num tríptico ilustrado de figuras bíblicas, com Jesus, ao meio, o elogio da fraqueza! Mas em todas as experiências de fraqueza, abre-se também uma fresta, para a acção de Deus, uma janela de oportunidade para a sua graça!

**3.** Meus queridos irmãos e irmãs: Estamos num final de ano lectivo, laboral e pastoral. E pode acontecer que os nossos resultados, em muitas áreas, não sejam os mais brilhantes. A sensação de fracasso, em várias frentes da vida, pode desmoralizar-nos. Pode ser que sintamos, muitas vezes, a nossa impotência, face aos problemas que nos rodeiam, diante do poder *desconstrutor* da televisão, frente a um ambiente social e cultural, indiferente ou hostil à fé. Na escola, na empresa, entre os amigos, quantas vezes não nos sentiremos sós, a pregar no deserto, a remar contra a corrente, sem resultados animadores?! Mas não percamos a confiança na força própria do bem, que resiste a qualquer erosão do tempo!

**4.** Li, por exemplo, no jornal de terça-feira passada (Público, 30.06.2009, 4), que dez anos depois, os portugueses não morreriam por ninguém, a não ser pela família! E que a Bíblia e os líderes religiosos pesam mais nas decisões das pessoas que a ciência ou a comunicação social. Mesmo se o individualismo provoca o desinteresse pelas questões sociais e nacionais, há um capital social de valores, que permanece, tais como a fidelidade, o amar e ser amado, a lealdade! Os sociólogos falam na urgência de uma educação para os valores. Vedes: num mundo, de muitas portas fechadas, abre-se sempre uma janela de oportunidade para o evangelho. Vale a pena pregar e testemunhar a força transformadora da fé, no meio do nosso mundo e no mundo do nosso meio.

**5.** Façamos então da fraqueza a nossa força, sem nunca desesperar, na convicção firme de que o mal não tem futuro! Só o amor, na sua fraqueza e no seu fraquinho, é digno de fé! Ora, meus queridos irmãos e irmãs, “sem fé não há milagres de amor”!

Oração dos Fiéis - XIV Domingo Comum

---

(cf. Preces quotidianas, 365)

**P- Irmãos: Deus manifesta-se àqueles que o procuram. Desejosos de compreender o mistério de Cristo, para nos tornarmos disponíveis à sua Salvação, rezemos dizendo: Renovai, Senhor, a fé do vosso povo!**

1. Quando vemos a Igreja ferida e incompreendida no seu ministério, ou não resplandecente de santidade como gostaríamos, nós Vos pedimos:

2. Quando tocamos de perto as chagas da humanidade carregada de vício e de egoísmo e experimentamos como é precária a nossa existência terrena, nós Vos pedimos:

3. Quando Vos manifestais na dor, na renúncia, ou Vos escondeis através duma cortina de dúvida e de silêncio, nós Vos pedimos:

4. Quando nos parecem mais dignos de fé os nossos projectos e mais atraentes as nossas escolhas, nós Vos pedimos:

5. Quando perdemos o tempo de férias em distrações inúteis e em vez de aproveitar o tempo livre para cuidar da nossa vida interior, nós Vos pedimos:

**P- Deus, nosso Pai, Vós conheceis a fragilidade do nosso coração. Enquanto esperamos em silêncio a vossa luz, fala em nosso nome aquele que enviastes e com as suas chagas nos redimistes: Jesus Cristo, Senhor Nosso, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. Amen.**

## Homilia no XIV Domingo Comum B 2006

---

Um Domingo, com «D» grande! Todas as atenções do mundo e das televisões, se voltam «em exclusivo» e «em directo», para **Berlim**. Mas há, no coração de outras cidades europeias, acontecimentos que não deviam escapar aos holofotes da comunicação social. **Valência**, na vizinha Espanha, recebe o Papa Bento XVI. E aqui, no nosso querido Porto, a Sé, Igreja Mãe da Diocese torna-se pequena para a **Ordenação Sacerdotal de sete jovens**. Três acontecimentos de grande significado, sobre os quais a Palavra de Deus, projecta um belo feixe de luz.

1. Vamos, primeiro a **Valência**, na conclusão do 5º Encontro Mundial das Famílias. Valência fica ali na vizinha Espanha, cuja governação, nos últimos anos, não podia remar, em sentido mais oposto ao da Família. Contra a maré, e fazendo frente a tantas outras vagas, o Papa irá defender o valor fundamental da família tradicional, do casamento e da vida, mesmo em embrião. Será certamente ouvido e exaltado, por alguns poucos; mas será também combatido, quando não vilipendiado, por muitos outros. Nem sei mesmo se o *mau vento* de Espanha dará *corrente* ao pensamento do Papa. Ali, Bento XVI, poderá sentir, como para ele, as palavras da primeira leitura: «*Podem escutar-Te ou não – porque são uma casa de rebeldes – mas saberão que há um profeta no meio deles*». E isso é o que verdadeiramente importa!

2. Em **Berlim**, a cidade que viu cair, sem violência, o Muro da Vergonha, joga-se hoje a final do campeonato mundial de futebol. Hoje todos poderão dizer: “*Ich bin ein berliner*”... (*trad*: Eu também sou de **Berlim**). E nós, que sonhamos por este dia, e nos despedimos já com honradez, bem podemos, como São Paulo, na segunda leitura, «*gloriar-nos nas nossas fraquezas*». Somos um país pequeno e pobre, no conserto das nações; por vezes, pouco respeitado pelos grandes! Mas mostramos ao mundo que se pode tirar *força da fraqueza*, e que *nos podemos alegrar*, mesmo nas afrontas e nas adversidades! Soubemos perder com dignidade e crescer com os erros. A alta competição, como bem referiu São Paulo, noutra passo da Escritura, também nos educa para regras importantes da vida e do combate da fé. “*Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, assim, para o alcançardes. Os atletas impõem a si mesmos*”

*toda a espécie de privações: eles, para ganhar uma coroa corruptível; nós, porém, para ganhar uma coroa incorruptível” (1 Cor.9,24-25).*

3. Por fim e por ser, para nós, o mais relevante acontecimento, destaco a Ordenação Presbiteral de sete jovens. Temos hoje mais sete novos padres, para o serviço pastoral **na Diocese do Porto**. É um acontecimento que *fala por si* neste Ano da Vocação Sacerdotal. Pela imposição das mãos do Bispo e dos seus irmãos Presbíteros, são o que são, e irão adiante, tocados pela “*graça de Deus*”. Não são, de certeza, os nossos heróis! Aliás, começou logo por não ser nada pacífica a escolha do divino seleccionador. Para trás ficaram os «*galácticos*» do saber e da perfeição. E o grupo dos eleitos é constituído por rapazes «*simples*», «*pobres*» e «*fracos*»! Isto deixa-nos certamente perplexos, a nós e a eles, que foram os “*convocados*”. «*Não poderia ter escolhido alguém mais capaz, mais santo? Jesus, contudo, olhou com amor justamente para cada um deles e devemos todos confiar neste seu olhar*»! (Bento XVI) Provenientes dos sete cantos da Igreja Diocesana do Porto, estes padres, sabem que há muito deixaram de ser vedetas, no meio de um mundo, com o ouvido mais afinado para relatos de futebol, do que para palavras de vida eterna.

Rezemos então hoje por eles! Porque muito os espera e muito se espera deles. «*Dos sacerdotes os fiéis esperam somente uma coisa – dizia o Papa Bento XVI, há poucos dias na Polónia – que sejam especialistas na promoção do encontro do homem com Deus. Ao sacerdote não se pede para ser perito em economia, em construção ou em política. Dele espera-se que seja perito em vida espiritual!*” (Bento XVI, Discurso aos sacerdotes, Varsóvia 25 de Maio de 2006)

Queira Deus, que o ministério e a vida de cada um deles, deixe hoje e sempre no coração da nossa gente o espanto e a interrogação da fé, que ouvíamos no **Evangelho**: «*de onde lhe vem tudo isto*»? Tudo isto, meus caros, vem de Deus e é admirável aos nossos olhos!

Este é o Domingo «D», o «Dia» que o Senhor fez! Nele exultemos e nos alegremos!

**Entrada:** Rejeitado pelos chefes do povo, Jesus voltara-se para as multidões. Mas também esta fase do seu ministério desemboca na recusa dos seus próprios contrerâneos em abrirem-se à fé no mistério da Sua Pessoa, excluindo-se do Reino: em Nazaré Jesus revive a experiência do profeta desprezado. A Liturgia da Palavra presta-se, pois, a uma catequese aprofundada sobre a fé e a descrença, centradas no acolhimento ou rejeição de Jesus e da Sua missão.

Neste como no próximo Domingo, os textos bíblicos dão realce à missão dos profetas: «porta-voz» de Deus, fiéis mensageiros das Suas palavras.

Nós celebramos a Eucaristia do XIV Domingo Comum, a que preside o Reverendo Pároco..

**Antes da 1ª leitura:** Saberão que há um profeta no meio deles! É Ezequiel, como vamos ouvir.

**Antes da 2ª leitura:** O testemunho do Apóstolo que encontra força na sua fraqueza.

**Antes do Evangelho:** Santos da casa não fazem milagres. Já vão perceber porquê!

**Depois da Homilia:.**

**Ofertório:** Se Paulo da sua fraqueza encontra força, também nós da nossa pobreza encontraremos a riqueza dos dons de Deus. O Ofertório coloca a nossa indigência sob a eficácia da generosidade divina.

**À Comunhão: Disse o Papa Bento XVI aos sacerdotes:** “A grandeza do sacerdócio de Cristo pode incutir temor. Podemos ser tentados a exclamar como Pedro: *"Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador"* (Lc 5, 8), pois sentimos dificuldade em acreditar que Cristo nos tenha chamado precisamente a nós. Não poderia ter escolhido alguém mais capaz, mais

santo? Jesus, contudo, olhou com amor justamente para cada um de nós, e devemos confiar neste seu olhar (...) Dos sacerdotes os fiéis esperam somente uma coisa: que sejam especialistas na promoção do encontro do homem com Deus. Ao sacerdote não se pede para ser perito em economia, em construção ou em política. Dele espera-se que seja perito em vida espiritual!” (Varsóvia 25 de Maio de 2006)

**Final:**

**Uma parábola para terminar:**

Chegou o famoso profeta à praça da cidade. Coisas bonitas dizia. E todos corriam a escutá-lo. Um êxito e a praça cheia de gente... O tempo corria e o auditório começou a dispersar-se. Uns, rebeldes, não queriam ouvir. Outros, indiferentes, cansaram-se de escutar.

O profeta dizia verdades incômodas, coisas que o povo não gostava de ouvir. Ficaram poucos, quase ninguém e os aplausos silenciaram-se! A certa altura ficou só, no meio da praça, o profeta.

Mas continuava a pregar. Mesmo sem ninguém a ouvir.

Um tendeiro lhe perguntou: *«Profeta, porque insistes em pregar? Não te dá conta de como é inútil o teu grito? Para quem falas tu?»*

O profeta respondeu: *«Preguei até agora na esperança de mudar os outros, ainda que fosse um pouquinho. Por isso devia gritar. Agora convenci-me de que tenho de pregar para impedir que os outros me mudem a mim!»*

## Homilia no XIV Domingo Comum B 2003

---

1. Jesus não lhes saiu bem como a encomenda! Tinha fama de milagreiro e não pôde ali fazer qualquer milagre. Era aclamado Messias nas ruas da Cidade e Filho de Deus, nas aldeias, à beira dos caminhos. Mas na sua terra de Nazaré não passa afinal de filho do carpinteiro.

Ouviam-no muito admirados, na sinagoga, e faziam, em surdina, perguntas bem interessantes. «*De onde lhe vem tudo isto? Que sabedoria é esta que lhe foi dada*»? Mas em vez de fazer a pergunta de cabeça e entrar de coração no mistério da sua origem divina, começam a medir a família a que pertence, a analisar o tipo de sangue.

Uma pontinha de inveja e uma enorme mesquinhez atrapalham tudo. E o que podia ser, naquelas perguntas fundamentais, um salto para a fé, tornou-se na resposta precipitada, uma enorme pedra de tropeço. *Ficavam perplexos a seu respeito.*

De facto, Jesus não correspondia ao figurino que tinham desenhado de Deus. E bem podia, pensavam eles, com o poder que tem, tratar de resolver, os problemas da terra. E, com a sua vara de condão, pôr Nazaré no mapa da Palestina. Mas nada. Como é difícil acreditar num Deus assim. Que nada faz sem mim.

2. Jesus estava admirado com a falta de fé daquela gente. Daquela gente, de fé habitual e praticante, que «*ia à sinagoga*» e sabia a doutrina de cor e salteado e tinha os direitos e obrigações da Lei em dia. Mas uma pobre gente que não tinha olhos para ver Deus, quando Ele passava, vestido com o traje de todos os dias. Em Nazaré, a desilusão não podia ser maior. Mas Jesus não estranha: «*Um profeta só é desprezado na sua terra, entre os parentes e em sua casa*». Popularmente falando, diria que «*santos da casa não fazem*

milagres». E São João entranha no mistério, vendo mais tarde e mais longe, quando diz de Jesus, o Verbo que veio habitar entre nós: «veio ao que era seu e os seus não o receberam» (Jo.1,11).

**3.** Continuamos, neste Verão, com alguns pontos de interrogação sobre o mistério de Deus, que são acompanhadas de reticências à fé. De facto, a descrença torna Deus impotente, porque lhe fecha as portas e as janelas. E porque lhe ata as mãos para fazer por nós seja o que for. Como é difícil aceitar um Deus assim, que se revela poderoso na sua fraqueza. Um Deus tão débil e desarmado, que nada pode sem nós. Que precisa até da nossa pouca fé, para poder fazer alguma coisa.

Caríssimos: a nossa fé só começará a ser autêntica, quando começar a olhar para Jesus e, em vez de pontos de interrogação, se deixar guiar mais pelos pontos de exclamação. Ao mistério de Deus chegue-se mais depressa pela distância do espanto e do maravilhamento, do que pela arrogância das perguntas feitas e das respostas já sabidas.

Este é um tempo e que é mais útil ver e calar do que não ver nada e andar sempre a perguntar...

## Homilia no XIV Domingo Comum B 2003 - Sermão

---

1. Jesus não lhes saiu bem como a encomenda! Tinha fama de milagreiro e não pôde ali fazer qualquer milagre. Era aclamado Messias nas ruas da Cidade e Filho de Deus, nas aldeias, à beira dos caminhos. Mas na sua terra de Nazaré não passa afinal de filho do carpinteiro.

Ouviam-no muito admirados, na sinagoga, e faziam, em surdina, perguntas bem interessantes. «*De onde lhe vem tudo isto? Que sabedoria é esta que lhe foi dada*»? Mas em vez de fazer a pergunta de cabeça e entrar de coração no mistério da sua origem divina, começam a medir a família a que pertence, a analisar o tipo de sangue.

Uma pontinha de inveja e uma enorme mesquinhez atrapalham tudo. E o que podia ser, naquelas perguntas fundamentais, um salto para a fé, tornou-se na resposta precipitada, uma enorme pedra de tropeço. *Ficavam perplexos a seu respeito.*

De facto, Jesus não correspondia ao figurino que tinham desenhado de Deus. E bem podia, pensavam eles, com o poder que tem, tratar de resolver, os problemas da terra. E, com a sua vara de condão, pôr Nazaré no mapa da Palestina. Mas nada. Como é difícil acreditar num Deus assim. Que nada faz sem mim.

2. Jesus estava admirado com a falta de fé daquela gente. Daquela gente, de fé habitual e praticante, que «*ia à sinagoga*» e sabia a doutrina de cor e salteado e tinha os direitos e obrigações da Lei em dia. Mas uma pobre gente que não tinha olhos para ver Deus, quando Ele passava vestido com o traje de todos os dias. Em Nazaré, a desilusão não podia ser maior. Mas Jesus não estranha: «*Um profeta só é desprezado na sua terra, entre os parentes e em sua casa*». Popularmente falando, diria que «*santos da casa não fazem*

milagres». E São João entranha no mistério, vendo mais tarde e mais longe, quando diz de Jesus, o Verbo que veio habitar entre nós: «veio ao que era seu e os seus não o receberam» (Jo.1,11).

### **3. Maria de Nazaré, Mulher de fé**

Mas, em Nazaré, destaca-se uma figura singular, que contrasta com toda aquela gente, por ser uma Mulher e uma Mulher de Fé: Maria, a Mãe de Jesus. De facto, distingue-se dos seus conterrâneos:

- Ao contrário da sua gente, Maria foi capaz de ouvir a Palavra e de deixar Deus falar, vindo ao seu encontro, na simplicidade do seu viver, numa das horas do seu dia. À sua visita e à sua presença, a resposta de Maria é simples: *«eis a serva do Senhor, faça-se em Mim, segundo a Tua Palavra»* (Lc.1,38). Nela se cumprem os votos de pobreza e humildade, delineados pelo salmista: *«como os olhos do servo se fixam nas mãos do seu senhor, como os olhos da serva se fixam nas mãos da sua senhora»* (Sal.123,2), assim os Seus olhos se voltam para o Senhor, seu Deus.

- Ao contrário, do desprezo e da arrogância das gentes da sua terra, Maria de Nazaré foi capaz de se deixar surpreender por Deus e de O deixar ser como Ele é, sem se escandalizar uma vez sequer. Um Deus escondido, frágil, impotente, pequenino. Um Deus tão débil e desarmado, que nada pode sem nós. Que precisa até da nossa pouca fé, para poder fazer alguma coisa.

- É verdade que Maria fez perguntas: *«Como será isto, se Eu não conheço Homem»* (Lc.1,34). *«Porque nos fizeste isto. Teu Pai e Eu andávamos à Tua procura»* (Lc.2,48)... E outras terá feito, quando o Filho a surpreendia. Mas, em tudo e sempre, Maria foi capaz de se interrogar, sem inquirir, sem exigir resposta, foi capaz de perguntar sem ofender, de avançar na fé sem tropeçar, sem se deixar escandalizar. Pelo contrário, ponderava todas as coisas em seu

coração (Lc.2,19.52). Deixando-se surpreender e maravilhar... E cantar: «O Todo-Poderoso fez em mim, maravilhas» (Lc.2,49).

- Por isso, ao contrário do que aconteceu em Nazaré, Deus pôde fazer em Maria, o maior milagre, o milagre da «encarnação do seu Filho», exactamente «porque Ela acreditou em tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc.2,45). A fé de Maria é um campo aberto à semente do Verbo, uma mão estendida à mão de Deus.

- Neste ano do Rosário, somos especialmente *convidados a receber com Jesus, também Maria, sua Mãe. Ela é a primeira* discípula entre todos aqueles que acompanham Jesus. Maria é-nos dada hoje para nos ajudar a entrar numa relação mais verdadeira e pessoal com Jesus, de modo a descobri-LO, a amá-LO, a segui-LO e a servi-LO até ao fim.

- Com o seu exemplo, Maria ensina-nos a fixar o nosso olhar de amor, naquele que foi o primeiro a amar-nos e com a sua intercessão, Ela forma em nós um coração de discípulos, capazes de nos pormos sempre à escuta do seu Filho...

**4.** Caríssimos irmãos e irmãs: a nossa fé só começará a ser autêntica, quando começar a olhar para Jesus e, em vez de pontos de interrogação, se deixar, como Maria, guiar mais pelos pontos de exclamação. De facto, ao mistério de Deus chega-se mais depressa pela distância do espanto e do maravilhamento, do que pela arrogância das perguntas feitas e das respostas já sabidas. Este é um tempo e que é mais útil ver e calar, do que não ver nada e andar sempre a perguntar...

Nisto, Maria vai à nossa frente. E é preciso escutar o seu apelo, que nos leva até Jesus: «Fazei o que o Meu Filho vos disser» (Jo.2,5)!

## Homilia no XIV Domingo Comum B 2000

---

1. Santos da casa... não fazem milagres! E o caso de Jesus parece confirmar que esta é uma das regras sem exceção! Desprezado na sua terra, Jesus teve a sorte dos grandes profetas, como Ezequiel. Mesmo sem audiência interessada, o profeta não se cala. E se não ouvirem as suas palavras, ao menos a sua presença incómoda, falará por si! Jesus, admirado com a falta de fé daquela gente, foi pregar para outra freguesia! «*Percorria as aldeias dos arredores, ensinando*».

2. São ordenados, precisamente neste domingo, na Sé do Porto, três presbíteros e um diácono, para o serviço da nossa Diocese. O número não provoca euforias. Não chega sequer à meia dúzia. E os que já morreram este ano ultrapassa a dezena. Ainda que, esta semana, um Diário, colocasse os Jornalistas, empresários e padres entre as profissões mais reconhecidas socialmente, a vida de Padre não se configura hoje nem fácil, nem rentável, nem atraente. Nada fácil, porque há pouco quem queira ser perturbado com a Palavra que se anuncia. Nada rentável, porque se arrisca a acabar a sua vida a «*falar sozinho*». Nada atraente, porque o figurino do sucesso não se ajusta nada à sua condição de “*ave rara*”. Ser Padre não é, de facto, coisa que esteja a dar... para falar em termos de imagem e de marketing... da nossa vida social. Mas parece igualmente claro que quanto menor é a oferta, maior se torna a procura. E a *cotação da vida sacerdotal* vai subindo, apesar de tudo, no mercado dos valores sociais. Menos padres... maior interesse pelo seu mistério, mais confiança no seu ministério!

3. A sondagem do referido diário pode indicar ou sugerir que o Padre vale tanto mais na sociedade, quanto maior for a sua diferença. Sendo diferente do comum, incomoda o gosto da maioria e atrai o interesse de um pequeno resto, que ainda tem tempo para se interrogar. A afirmação, tantas vezes repetida, de “*que o padre é um homem como os outros*”, é, por isso, “*perigosamente enganadora*”. Propagandear uma imagem de padre, homem como os outros, casado como os outros, a viver de um emprego secular, como os outros, é caminho subtil para anular o incómodo da sua diferença, que é da ordem do transcendente, de Deus. Sendo de Deus, o Padre, em si mesmo, é já o sinal desta presença. E mesmo calado, a sua vida fala já de

Deus e traz a memória incómoda de Deus, à vida regalada do Homem, que foge de ouvir o rumor dos seus passos...

4. O Padre é de facto, profeta escolhido por Deus, à parte, para o serviço de todos. Na maior parte das vezes é enviado por Deus a um *povo rebelde, de cabeça dura e coração obstinado*. Pode até não poder fazer muito, numa paróquia ou numa sociedade que não tem ouvidos para o essencial, em que interessa o mais fácil, o mais ruidoso... o que é barato e dá milhões... Mas a sua diferença, como Homem de Deus, como Mestre de oração, como Testemunha do Absoluto, constituem um sinal profético de inegável valor e eficácia. «*Podem escutar-te ou não – porque são uma casa de rebeldes – mas saberão que há um profeta no meio deles*», diz o Senhor a Ezequiel. Di-lo-á aos cinco novos padres e aos padres deste tempo.

5. Direis que são poucos. Pois são. Tão poucos, como poucos os filhos nas famílias, poucos os praticantes na Igreja, poucos os cristãos orantes nas comunidades, poucos os assíduos à Catequese... poucos os interessados em perder a vida pela vida dos outros, poucos os interessados em ouvir. Tão poucos, afinal, *como tão pouca a nossa fé!* E a pouquidão da fé impediu até o próprio Cristo de fazer qualquer milagre na sua terra! Temos, pois, os padres que merecemos! E se um profeta incomoda muita gente, cinco incomodam muito mais!... Graças a Deus!

## Homilia no XIV Domingo Comum B 1997

---

*Estava admirado com a falta de fé daquela gente!*

1. Gente tão sem fé, que Jesus fica admirado! Afinal, que gente, sem fé, é esta? Aquela que não acreditava em Deus e por isso se recusava a entrar no Templo para rezar? Não. O grupo dos judeus não praticantes? Não. Os indiferentes, para quem Deus nem é problema, nem é solução? Também não.

*“Gente, sem fé”* são todos afinal *“ouvintes da sinagoga”*! São os que até gostam de ouvir Jesus a falar, os que, por espanto e curiosidade, até se perguntam *“donde lhe virá tudo isto”*?... mas que já não procuram mais, nem esperam nada, gente que ouve com entusiasmo, mas não escuta de verdade. É gente que por ali anda, todos os sábados, entre o incenso e os sacrifícios, segura e satisfeita de cumprir a sua religião, mas *de cabeça dura e coração obstinado!*

Gente, portanto, que ouve falar de Deus todos os dias, mas que nunca O experimentou próximo, porque O imagina bem lá no alto. Gente que passa horas no Templo mas que nunca O descobriu na Vida, porque O teme distante! Gente que nunca O sentiu em seu coração, porque nunca O desejou profundamente... tão cheia se julga dEle! Quer dizer, gente *“sem fé”*... que O conhece de ouvir falar, mas que nunca O viu nem descobriu, com os seus próprios olhos! (cf. Job.42,5).

2. E julgávamos nós que isto da *descrença* estava só do outro lado: do lado dos agnósticos, dos ateus, dos indiferentes ou dos não praticantes... Mas não. A falta de fé *daquela gente* é a falta de fé *«desta gente»*, que é cada um de nós, destes que hoje aqui estamos *«a ouvir Jesus»*, como outrora os fiéis da sinagoga. A fronteira entre a fé e a *descrença* não está portanto à porta ou no adro da Igreja, entre os que entram e os que passam ao lado. Está afinal dentro de nós...

3. Por isso, confesse cada um esse *ateu* que traz dentro de si. E reconheça, sem medo, a sua pouca fé ou a sua fé ainda muito por crescer. Cada um se deixe questionar e procurar, interpelar e maravilhar, para poder captar o

mistério deste Deus vivo. Um Deus que se revela-se em Nazaré simples e discreto, Deus em pessoa, a oferecer-se à liberdade do Homem, a propôr-se à relação com Ele. Diante de uma Presença assim tão pessoal como misteriosa, o homem sempre poderá acolher e seguir, ou recusar e desistir. Acreditar ou descreer!...

4. Para vencer esta descrença, que a todos e sempre nos afecta, proponho um «exercício fé» em três atitudes fundamentais:

1. *Buscar com sinceridade*: Procurar... mesmo que a dúvida cresça e nos visite o cansaço. Nunca deixar de desejar. Mesmo que, tantas vezes, o desejo seja a única coisa a oferecer a Deus. Quer dizer: não fechar nenhuma porta. Não calar nenhum apelo. Não abafar nenhum fundo desejo. Porque a fé não aumenta, passando o tempo a discutir religião, mas cresce no desejo do coração que se abre ao Mistério. Pois quem não encontra Deus no seu íntimo, jamais o descobrirá em parte alguma. Daí o cuidado a ter com a nossa vida interior. Daí mesmo a necessidade de O invocar: *Senhor, que eu veja!*

2. *Acolher com humildade*: Porque quem busca a Deus é porque por Ele é procurado e quem O encontra já antes foi alcançado. Quem grita, já foi chamado. Quem caminha para Ele, já foi atraído. Há que deixar-se então surpreender por um Deus que não é o da nossa imaginação. E acolhê-lo tal como é, deixando que ele nos fale «calado»...

3. *Caminhar na Verdade*: Se é sincero o nosso desejo, se é de coração limpo que O procuramos, mesmo «às apalpadelas», (Heb.17,27) a nossa fé crescerá. Porque - diz o Senhor - *“todo aquele que é da Verdade, escuta a minha Voz”!* (Jo.18,37).

## Homilia no XIV Domingo Comum B 1994

---

Vou pregar contra a corrente. Ainda que pregue só para mim... Lá fora, dizem que um homem tem é de ser forte, boa constituição física, aspecto atraente, falar bem, vontade de vencer e jeito para convencer. Seria este o perfil do homem do sucesso, do líder vitorioso. Aqui, e para nós, vamos ao elogio da debilidade, à exaltação da fraqueza. Faço-o não pela mania de ser diferente, mas pela minha experiência de fraqueza e pelo testemunho deixado pela palavra de Deus, neste Domingo. Três situações proféticas a testemunhar a experiência dolorosa da debilidade, da fraqueza.

**Ezequiel:** É um derrotado à partida. Por ele, ficaria em casa. Mas o Espírito fê-lo levantar no seu desânimo. É enviado como profeta para o meio de um povo rebelde, de cabeça dura e coração obstinado. Com muito poucas hipóteses de ser ouvido. Mas vai, com uma palavra simples e desarmada, perturbadora e desprezível. O importante não é ter ouvintes. O mais importante é ser fiel à palavra. E Ezequiel lá foi. Desta maneira o povo, ainda que não o ouvisse, saberia que há um profeta no meio deles... Ainda que não façam caso dele, a sua presença é já um incómodo, uma palavra destabilizadora de todas as seguranças!

**Paulo:** O apóstolo aparece-nos como o anti-herói. Não é derrotado por fora, mas vencido por dentro. Há nele um «espinho na carne», uma dificuldade invencível, um sofrimento de morrer...um defeito incorrigível... que o aperta e incomoda até mais não. Era o seu calcanhar de Aquiles, um problema que só Ele sabia mas que tinha a vantagem de o tornar mais humilde. Não sabemos bem de que doença, defeito ou sofrimento se trata. Mas era um espinho com a dimensão suficiente para lhe tirar toda a vanglória. Mas pronto. Fraquinho, pobre e pecador, rasteirinho, Paulo parte ancorado na graça de Deus. Ele saberá que tudo o que de bom lhe sair das mãos, as suas vitórias e sucessos, são fruto da graça de Deus, são obra do Espírito e não efeito da sua grandeza. «*Quando sou fraco, então é que sou forte*»! É desta debilidade que Deus precisa para manifestar a sua força!

**Jesus** lá vai à sua terra. E as coisas correm mal. Era conhecido, filho do carpinteiro, primo do amigo, parente do primo... enfim, afinal um homem como os outros, pensaram os conterrâneos, na sua mesquinha visão. Eles

queriam-no forte, milagreiro, prepotente, importante. Mas não. Jesus vai, simples, sem pompa nem circunstância. É assim que Deus se revela...nas coisas mais normais e simples do quotidiano, sem espanto. Jesus manifesta-se até impotente para fazer milagres, pois a falta de fé daquela gente não dava para nada. Mas Jesus, perdendo em casa, sai pelos arredores, ensinando, sem desanimar com o fracasso.

Eis o elogio da debilidade. Um profeta derrotado à partida, um apóstolo fraquejado por dentro, Jesus recusado na sua terra.

Eis um estímulo para nós, que tantas vezes nos sentimos poucos, pequenos, esquecidos, não ouvidos, incapazes de nos mudar e de mudar os outros. Há que estar pronto para ser derrotado, mesmo que o propósito seja justo. Há que não ter medo de ser vencido, mesmo que nos faltem as forças e os meios humanos para lutar. Há que não ficar aterrado pelas crises e fraquezas, venham de fora ou de dentro de nós. Há que avançar sem contar com o sucesso. Ainda que fiquemos sós no meio do mundo...e que mais ninguém nos oiça. Ou até que pensem mal de nós como se fossemos uns pobres crentes. Mas saberão assim que não somos melhores, mas que somos diferentes. Saberão que há um profeta. Terminei este elogio da debilidade com uma história...uma parábola oriental...

«Chegou o famoso profeta à praça da cidade. Coisas bonitas dizia. E todos corriam a escutá-lo. Um êxito e a praça cheia de gente... O tempo corria e o auditório começou a dispersar-se. Uns, rebeldes, não queriam ouvir. Outros, indiferentes cansaram-se de escutar. O profeta dizia verdades incómodas, coisas que o povo não gostava de ouvir. Ficaram poucos, quase ninguém e os aplausos silenciaram-se! A certa altura ficou só, no meio da praça, o profeta.. Mas continuava a pregar. Mesmo sem ninguém a ouvir. Um tendeiro lhe perguntou: *«Profeta, porque insistes em pregar? Não te dá conta de como é inútil o teu grito? Para quem falas tu?»* O profeta respondeu: *«Preguei até agora na esperança de mudar os outros, ainda que fosse um pouquinho. Por isso devia gritar. Agora convenci-me de que tenho de pregar para impedir que os outros me mudem a mim!»*. Comentário: O verdadeiro profeta não se preocupa quando faltam ouvintes. O importante é que Ele não falte à Palavra! Mesmo correndo o risco de ficar só e insólito na praça da Cidade... Mas saberão que há um profeta!

